

MÚSICA: a dinamogênese do poético¹

Sônia de Almeida do Nascimento (EMVL/ FUNARJ)

RESUMO:

Partindo da recusa em aceitar a tese como um princípio teórico, fizemos a experiência da recuperação do sentido gestual/musical que se guarda na palavra: o sentido da *thésis*. Na recusa, adentramos o caminho do pensar que é deixar fazer-se: o Hermes da musicalidade. Essa é a viagem com as asas da liberdade. Nela, trilhamos o caminho da dinamogênese do poético como a dobra do ser. A dobra é ondulação rítmica. É movimento de proximidade e distância instaurador da medida que faz com que todas as artes sejam verdadeiramente Arte: a musicalidade. Como dinamogênese, ou seja, como fonte da onda em movimento, a *thésis*, o tempo da Música, desvela-se como o lugar da poesia, abrigando a essência velada do ritmo. Nessa caminhada também enfrentamos o confronto entre causalidade e musicalidade.

Palavras-chave: Música - Poético - Hermes - Bachelard - Heidegger

Qual é a mágica que toca profundamente as vibrações do vir a ser de nossos descontentamentos e mergulha nossos projetos de ser nas ondas do não ser e do vir a ser? Qual é a mágica que nos faz vibrar e recuperar a medida do nosso habitar? Qual é a medida do nosso habitar? Qual é a mágica que nos doa com a coragem nobre de descer às raízes das próprias possibilidades de pensar, retornando-nos à proveniência da essência para, assim, recuperarmos o vigor originário do pensamento que permanece como instaurador do movimento? O que é isto: a mágica originária de todas as realizações? Como acontece essa doação que nos movimenta? Devemos concordar que todas essas são questões desafiantes. Delas emanou, desde o início de nossa jornada, a conclamação para que nós participássemos de suas ondulações. Elas nos desafiaram a renunciar ao nosso modo ordinário de pensar, convocando-nos à participação no movimento ritmado instaurado pelo seu canto de harmonia, revelador da verdadeira cadência harmoniosa. E o que é isto, a cadência harmoniosa? Como podemos observar, todas essas questões nos convocam para habitar o modo do questionamento. Neste somos o movimento que habita a abertura repleta de ondulações do pensamento meditativo. Ele é aquele que nos perturba e nos retira do movimento retilíneo e uniforme inaugurado pela lógica do pensamento metafísico. Logo, habitar o modo do questionamento já é deixar advir no saber o não-saber; ele é aquele pensar que procura não esquecer. Por isso podemos afirmar que ele é aquele que nos desperta do sono da linearidade, para que possamos persistir no movimento ondulante sempre repleto de possibilidades. Uma vez percutindo como raio, ele instaura os caminhos da Memória. Portanto, ele é o modo da musicalidade. O modo da musicalidade é aquele em que, ondulando, lançamo-nos nos caminhos da

liberdade. Nesses caminhos, na medida em que são verdadeiras ondulações cadenciadas, só nos defrontamos com enigmas e, portanto, com questões originárias. Questões originárias não são problemas ou simples charadas: elas não se deixam agarrar em respostas acabadas e muito menos por soluções engenhosas. Portanto, não nos endereçamos às questões originárias a partir da reflexão lógica ou do raciocínio lógico. Estes só sabem trilhar os caminhos retos e endurecidos do mundo cindido pelo seu próprio mau humor, insistindo sempre e obstinadamente na busca de causas para aquilo que renovadamente floresce sem razão causal. Deitando abaixo todas essas tentativas de explicação, as questões originárias sempre nos buscam para que, unidos, possamos dançar numa mesma cadência harmoniosa. Além disso, porque são originárias, elas nos doam com o princípio, com aquele que sempre renovadamente se diz como dinamismo da primeira vez, impedindo que nos fixemos numa forma definitiva. Então, elas nos doam o tempo do toque desdobrador que, como verdadeiros acentos musicais, concede a abertura reveladora que deixa acontecer no ordinário, o extraordinário. Isso nos permite afirmar que o enigma não comporta respostas antecipadamente definidas; ele é o que sobra, é o que se guarda e se conserva na memória como sonoridade de ser. Assim, porque é aquilo que sobra, quando se esqueceu tudo o mais, ele permanece como um apelo para se pensar radicalmente, uma vez que em sua presença aprendemos a curvar-nos num empenho para e pela realidade, a fim de atingir-lhe as raízes do mistério de ser, sempre grávido de sentido e de possibilidades de ser sem fim. Esse é o enigma da vida. Esse é o enigma da Arte de que todos nós, saibamos ou não, participamos.

Portanto, diante deste enigma só podemos permanecer ondulado na tensão que se inicia e perdura para além dela mesma. Essa é a permanência sonora e repercussiva em que, compondo presença e ausência, aprendemos a anunciar, liberar e dar notícias da espaço-temporalidade do extraordinário, do poético. A permanência nesta tensão não nos deixa esquecer que o enigma jamais poderá ser decifrado e muito menos transformado em idéias. Ele é o que se guarda e permanece como provocação, salvaguardando as nossas possibilidades de ser ressonante.

E foi assim que, seguindo a provocação, caminhamos no modo da musicalidade e empreendemos a travessia em busca do somos, de nosso destino de possibilidades porvindouras. Na travessia, fizemos a experiência, buscando atender à exortação conclamadora de Heidegger (2002a, p. 277), a saber: “Não estará em tempo de se deixar de lado todas as perspectivas habituais [...]”? Bem como, todas as visões que engendraram as interpretações correntes que impomos às questões originárias?

Seguindo o caminho conclamado por Heidegger também assumimos o destino proposto por Bachelard (1990, p. 122), aquele “destino-ruptura” em que permanecemos em meditação, numa unidade profunda onde as coisas entram em consonância. Nessa unidade profunda habita o poético. Assim permanecendo,

aprendemos que para viver a interioridade do poético é mister uma lentidão de meditação. O destino-ruptura, então, é aquele que contradiz o curso da vida ordinária. Nesse momento, as paixões particulares se calam e passamos a viver a força de relação harmônica em que tudo é um. É essa força que nos invade quando meditamos, retirando-nos da terra triste da lógica metafísica que insiste em não aceitar que o Mistério da realidade possa permanecer como enigma. O surpreendente é que, a despeito de toda essa insistência, o mistério sempre ultrapassa o homem. Nessa ultrapassagem, ele desdobra o homem para a revelação da ambigüidade indissolúvel que constitui a essência do movimento da vida: a diferença ontológica. Nisso, e por isso, ele é sagrado. Nisso, e por isso, ele é musicalidade. Nesse sentido, desligando-se do sagrado pela pretensão orgulhosa da ciência, tornando-o objeto de investigação, o homem se retira do face a face, e adentra a indiferença. Nessa fuga, em que o homem se assume como o mágico, ele cessa de viver em estado de tensão. E o homem não mais vibra, permanecendo adormecido e inerte para o profundo arranjo que nos faz habitar poeticamente.

Portanto, também aprendemos que é no vigor instaurado pela tensão do arranjo harmônico que adentramos a terra poética. Essa entrada só se dá no salto, aquele que é passo vigoroso de dança. No entanto, antes de nos lançarmos, devemos saber que é preciso dançar para saltar. É preciso saltar para dançar. No momento do salto, os pormenores apagam-se, o pitoresco desbota-se, a hora do relógio já não corre e o espaço estende-se sem limite. Esse é o momento em que recuperamos a nossa musicalidade perdida e participamos da festa das Musas.

Diante disso, tangidos por aquilo que se lança em todas essas questões iniciamos nossa jornada rumo à *Música: a dinamogênese do poético* (2009). Por tudo que já fizemos ecoar, é possível perceber que para iniciarmos nossa jornada tivemos que aceitar muitos desafios. Inicialmente, tivemos que renunciar a todos os significados impostos à Música, e nessa renúncia aprender que nela manifesta-se tudo aquilo que é transcendente aos limites impostos pela representação. Ela se lança, sem porque e sempre para além. Também tivemos que abandonar todas as considerações estéticas que agarram e conformam a Música no perceber, apresentar e representar. No desafio, tivemos que empreender a caminhada em que a Música deixa de ser uma obra datada, para ser essência e vigor originários das diferentes artes e obras poéticas de todos os tempos.

Por outro lado, ao entrevermos que quem é tocado por uma questão essencial jamais poderá adentrar o seu caminho esperando encontrar o ponto final, tivemos que aprender a permanecer na serenidade daquela espera do inesperado que repousa numa promessa, abrindo mão de todos os caminhos por que passamos. Na espera, aprendemos que no face a face com as questões originárias, na medida em que elas nos lançam um enigma e nunca um problema, temos que nos lançar com liberdade, saltando e dançando no seu ritmo, aceitando peregrinar na sua ondulação sem saber *a priori* o caminho. Aqui não há método a

Seguir: os caminhos da memória, da Música, não se definem *a priori*. Ao contrário, todos os caminhos estão abertos para novas aproximações e distanciamentos. Neles, somos o sentido da primeira vez, e nos transformamos em seres abismados, seres de uma profundidade imensa, seres que não mais vivem na superfície endurecida de um mundo triste e sem ondulação.

Na profundidade reencontramos o Mistério do real repleto daquele vigor que sempre nos conduz ao princípio, lugar de brotação abundante onde reencontramos a ação poética, aquela geradora do encanto de trazer o ausente para a presença. Ele é lugar de possibilidades sempre renovadas, lugar onde acontece o ritmo intenso da vida que só pode engendrar vida. Consequentemente, na medida em que nos lançamos no seu ritmo, reencontramos o sentido do empenho pelas possibilidades na exata medida em que participamos do ritmo ondulatório que engendra movimento e que é, acima de tudo, gestualização.

Assim, aprendemos que a mágica que nos toca profundamente se nos revela como a Música originária de todas as realizações e como verdadeiro gesto da fonte de onde surge toda poesia. Na medida em que se lança a si mesma, ela é o dizer daquilo que é pura emanção. Por isso, a Música não se deixa agarrar em significações. Ela conclama à afinação, desafiando-nos a adentrar o seu caminho. Diante dela temos que vibrar no seu diapasão, na sua cadência, abdicando da nossa fala mortal sempre repleta de significações. Portanto, temos que recuperar a nossa musicalidade perdida. Só assim, renunciando ao hábito sempre surdo e repetitivo que impõe à Música um estatuto ôntico, poderemos recuperar a vigência ontológica da Música como a Musa de todas as musas.

Dessa forma, os desafios com os quais nos defrontamos tornaram-se cada vez mais intensos na medida em que *Música: a dinamogênese do poético* se nos revelou como uma provocação ao verdadeiro pensar e, por isso, não se deixa determinar como um título, nem como resposta para um problema. *Música: a dinamogênese do poético* acena, acima de tudo, com as palavras-guias para a nossa viagem peregrinante rumo à essência do poético. Delas emana o convite à travessia ondulante em que aprendemos o sentido de ser e não ser. E, do mesmo modo, aprendemos que a essência do poético, ao contrário de toda essência conceitual, é vigor que permanentemente instaura a dança festiva e celebrante das núpcias entre céu e terra: ela é permanência e atualidade.

Por isso, *Música: a dinamogênese do poético* é gestualização manifestativa do pensar poético, aquele que pensa a unidade em que se dá o real enquanto manifestar-se e velar-se, ser e não ser. Por outro lado, essa nossa meditação é uma tentativa de um lançar-se no movimento, que em si já é o tempo da Música, cuidando para não ultrapassar, mas antes adentrar seu caminho, buscando o que ele pode nos ensinar. A tentativa, portanto, é uma tarefa mais originária, que só contém coisas inaparentes e que durante um longo tempo poderão ser de pouca valia. Além disso, ela, a tarefa, consiste em poucos passos, talvez um único: o

passo da dança que, por ser o movimento conjunto dos pés e do corpo, é pura corporeidade. Portanto, nessa tarefa, inscrevemo-nos no percurso da tentativa de resgate da unidade esquecida e na reintegração do homem na *physis* enquanto verdade e sentido poético

Assim sendo, para que nossa tese pudesse ser verdadeiramente gesto, e não uma simples proposição, já no início de nossa jornada fomos desafiados a recuperar o sentido originário da própria palavra tese, este que se guarda na palavra grega *thésis* e que é o movimento cadenciado em que os pés batem na terra, lançando-nos no passo compassado. *A thésis* é o movimento ritmado que nos faz participar do tempo da Música, aquele que instaura possibilidades de ser e não ser, conduzindo-nos às aproximações e distanciamentos que propiciam a verdadeira auscultação, a saber: aquela que é o saber auscultar aquilo que ali - na própria coisa - se revela, vigorando e doando-se a auscultar. Não seria esse o próprio sentido de toda meditação Poética: pensar a essência e o vigor originários de todas as realizações?

Continuando, caso não recuperássemos o verdadeiro sentido da palavra tese, correríamos o risco de permanecer no modo das respostas e, mais uma vez errar o caminho, perdendo o passo de dança conclamador da unidade. O passo, decididamente é o compasso em que, batendo os pés na terra do poético, nos lançamos no tempo da Música: na *thésis*. *A thésis* é o movimento cadenciado que nos lança no tempo das Musas, das vibrações nascidas do encontro entre céu e terra. Justamente por isso, aquele que se dispuser a viajar conosco, deve estar ciente de que não encontrará nenhuma solução de problema difícil. Aqui não se encontrará a expressão “heureka!”.

Música: a dinamogênese do poético se revela, acima de tudo, como o modo com que, atendendo a uma convocação, nos movimentamos. Convocação essa que se guarda como Música originária de todas as realizações, aquela que nos junta e nos lança numa viagem peregrinante, jornada e ondulante. O que se lança, nessa convocação, é um apelo para se pensar a proveniência da essência, fonte da onda em movimento: a *dinamogênese do poético*. Ela lança a palavra conclamadora do pensar poético que, gestualizando, revela a abertura prenunciadora do acontecimento inaugural e sonorizador do extraordinário. O extraordinário é o que sobra quando se esqueceu tudo o mais!

Portanto, na caminhada aprendemos que no caminho ondulante da mágica extraordinária só adentra aquele que tiver a coragem nobre para renunciar aos caminhos endurecidos pela azáfama desenfreada do a-cada-dia, reaprendendo o seu lugar na coletividade originária, lugar da celebração das núpcias entre céu e terra. Essa coragem se funda e floresce no saber auscultar permanente o envio indicador que emana dessa celebração, sempre renunciando aos caminhos por que passou e sempre na disposição para um novo lançar-se.

Das núpcias secretas de céu e terra, Zeus e *Mnemosine*, surgem as

palavras cantadas que, como verdadeiras promessas, lançam-se como dádivas aos confins da alma. Da comunhão dinâmica, ou seja, das bodas de Zeus e *Mnemósine* surgem as Musas como promessas, como voto do acordo, da quietação, da leveza que nos liberta da tristeza de uma época saturnina em que abundam as tendências que impõem o peso da exatidão do fio do prumo. Tocada pela inércia, essa época negligencia todo o âmbito do Mistério e se afunda nas águas superficiais em que nada mais fala. Na imobilidade e falta de liberdade tudo se apaga; tudo perde a alegria. Consequentemente, o que se perde é o enlevo rítmico da ação cadenciada e mágica que, sempre renascente, anuncia a unidade ondulante. Esta é a ação festiva das Musas. As Musas são as ondulações emanadoras e anunciadoras da união; é por elas que a presença se dá como presença, ou seja, como tensão harmônica: Música. É nesse sentido que a Música nos conchama a testemunhar e dar notícias da união. Tornando-nos o modo da composição, somos presença reveladora da diferença ontológica e musicamos.

Então, o que é isto a Música? Definitivamente, essa pergunta já é o indício de que o Mistério da realidade, anunciador do Poético, nos visitou e nos convocou, como verdadeira dinamogênese, a pensá-lo. Essa visita só acontece no advento do inesperado de uma espera. Nesse sentido, podemos afirmar que, diferente daquela espera conjecturante, a espera do inesperado é aquela que permanece nas proximidades da silenciosa região fontal, aguardando numa ausculta cuidadosa o gesto sonorizador da união nupcial originária, de onde surge toda Poesia. Só quem ali instala a morada pode atender à convocação e seguir a cadência gestual e enlaçadora de onde surge, numa dinamogênese, o Poético. O Poético é o dizer ondulante da Musa de todas as musas.

Assim sendo, *Música: a dinamogênese do poético* é o gesto com que buscamos percorrer o caminho do poético, ondulado nas ondas do ser e do vir a ser, zelando para que as palavras que se enviam nessa convocação possam transmitir a mensagem arcaica da essência da Música para que ela possa se revelar como a dinamogênese do poético e, assim, permaneça sempre como vigência ontológica, doando-nos o mais alto grau de realização do real. É essa mensagem que nos faz habitar poeticamente, renunciando aos modelos estabelecidos que nos impedem a auscultação.

Zelando por sua vigência ontológica, deixamos que a Música apresente seu vigor tanto no que falamos como no que calamos. Sim, precisamos calar para deixar a ausência presente da Música dizer o seu dizer, tornando-nos disponíveis à ausência para que tudo seja vigor da ausência. Fala-se muito sobre a Música. Porém, pensa-se pouco. Pensar pouco é não deixar acontecer no ordinário o extraordinário. Falar muito e pensar pouco acerca da Música é impedir que ela aconteça como presença-ausente do extraordinário.

Portanto, podemos afirmar que nenhum espírito soberbo educado por uma ciência positiva é capaz de deixar acontecer o extraordinário no ordinário. Por

isso, sentimo-nos autorizados a afirmar que somente a coragem do aedo é capaz de guardar e proteger este acontecimento. Isso porque ele é aquele que, não esquecendo que é filho da terra, nessa rememoração permanece perdidamente encantado por ela e, assim, persiste vibrando em sua afinação. Sua permanência é poética. Não é estética e muito menos científica. Ele vive as ressonâncias e, nessa permanência repercussiva, suporta a dinâmica, a ação da força que vence a tristeza e a insatisfação de *Cronos*. É na repercussão que ele vive o tempo cairológico, o tempo da festa das Musas: a Música.

Assim sendo, suportar a dinâmica é a possibilidade da participação na dinamogênese do poético. Só ali nos lançamos na *thésis*, no tempo da Música, no lugar da poesia. Diante disso, *Música: a dinamogênese do poético* não é um tema, no sentido metonímico de uma proposição. Muito diferente disso, ela é a nossa tentativa de atender à solicitação do soar da própria Música, fazendo com que ela permaneça como Mistério da realidade. Ela é uma solicitação da nossa presença no ritmo que unifica para composição. Ela é a solicitação para o pensar originário e conchamador do vigor do Mistério que se doa como ritmo reunidor e obrador da unidade em que abdicamos da nossa fala mortal.

Dessa forma, a *thésis* que ora anunciamos é, acima de tudo, o salto no tempo da Música, na palavra do tempo que nos mantém compassados. Diante disso, devemos anunciar que não estamos tratando de nenhum objeto. Em outras palavras, não estamos falando de nenhuma obra investigada em um ato cognitivo, apreendida pela percepção e/ou pelo pensamento. No presente estudo, não buscamos nos apropriar de nada e, muito menos, sobrevoar nada. O sobrevoos já é o distanciamento que aloca numa objetividade dada aquele que se oferece como questão. Ora, não queremos nos distanciar!

Muito diferente de qualquer sobrevoos, a nossa *thésis* é a viagem ondulante e peregrinante com as asas de Hermes. Com essas asas, somos, então, partícipes da força produtora: daquela que é a mágica que nos toca profundamente. Essas são as asas da liberdade que nos fazem dançar e saltar. Essas asas não nos carregam para um voo plácido em que pairamos sobre um mundo objetivado, repleto de conceitos reificados, preconcebidos e prontos a serem reafirmados. Ao contrário, por serem as asas de Hermes, elas são aquelas que se encontram no calcanhar, e que nos colocam no voo daquele vigor rítmico em que os pés batem no chão (*thésis*²), lançando-nos num movimento libertador e jamais previsto (*ársis*³). Somente elas nos fazem ondular, tocando céu e terra, terra e céu, engrandecendo a cada toque.

Portanto, estamos falando de uma viagem peregrinante em que os companheiros serão sempre aqueles que encontramos ao longo da jornada, não aqueles que nos atam a um caminho ou que nos pressionam a chegar a uma causa primeira, mas somente aqueles com os quais possamos compartilhar da liberdade. Com esses companheiros, podemos fazer a experiência da abertura em que

deixamos para trás toda e qualquer vestimenta impeditiva do livre movimento do voo. E foi assim que alçamos voo em companhia de Martin Heidegger e Gaston Bachelard.

Com eles, nos lançamos e percorremos o esforço encaminhador à intimidade com as profundezas do poético e à disposição de arriscar o salto nas fontes originárias de suas possibilidades e de seus limites. Com eles aprendemos que o caminho só se abre no face a face com a questão que brota em nós e do seu caminhar que é sempre nosso. A partir disso, quem aceitar o nosso convite terá que afinar o passo para que assim possa ver que o primeiro movimento de nossa peregrinação não é anúncio ou explicações sobre conteúdo, objetivos ou sobre a pessoa do autor. Antes de tudo é imersão, salto no profundo que clama em nós. Assim, saltando conosco poderá, no segundo movimento, participar da recuperação do sentido originário da palavra tese e, por uma exigência própria do caminho, no terceiro movimento, trilhará o sentido do empenho pelas possibilidades. A partir do apelo advindo do ser das possibilidades, conosco consagrará o quarto movimento à proveniência da essência, buscando o pensar da essência. Uma vez assim cadenciados, adentrará, no quinto movimento, o caminho do grassar do raio que nos faz viver a tensão e a concentração do arranjo originário e percorrerá os caminhos da memória. Prosseguindo, buscando não esquecer que a entrada nesse caminho só acontece num momento de decisão, participará, no sexto movimento, da revelação do momento decisivo que conduziu ao afastamento dessa tensão e conseqüentemente ao esquecimento da musicalidade. Dessa forma, verá que esse é o momento em que acontece a escolha advinda da negação do vigor dialético dessa tensão. Seguindo adiante, mantendo na memória essa revelação e os riscos que cercam a decisão, conosco retornará ao nosso passo compassado e, no sétimo movimento, concentrando o passo no gesto da fonte de onde surge o poético, encontrará a Musa de todas as musas. Assim concentrados, no oitavo movimento poderá dedicar-se àquela que é a mais alta realização de qualquer real: a Res-Música.

Assim peregrinando, perceberá que em todos esses movimentos, empenhamos nossos esforços em busca daquele vigor que nos retira das certezas e nos lança na ondulação dinamogênica: no dizer da própria Música.

Em suma, definitivamente estamos confiando livremente nossas palavras a um auscultador simpático. Ele verá que a disciplina necessária para escrever nos obriga a cogitar, a verificar e que a escrita é sempre, de alguma forma, uma dimensão que retira da palavra a sua verticalidade, a sua profundidade. E esse é o maior perigo! Já que queremos escrever as palavras incentivados pela alegria da dobra, para que elas voem, possam ir longe, repercutindo. O convite está feito!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. Trad. José Américo Motta Pessanha *et alii*. São Paulo: DIFEL, 1985.

_____. *O novo espírito científico*. Trad. Juvenal H. Júnior. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

_____. *O ar e os sonhos: ensaios sobre a imaginação do movimento*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *A terra e os devaneios da vontade: ensaios sobre a imaginação das focas*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CASTRO, Manuel Antônio de (org.). *Arte: corpo, mundo e terra*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

HEIDEGGER, Martin. Heráclito: a origem do pensamento ocidental: lógica, a doutrina heraclítica do *lógos*. Trad. Márcia Sá Cavalcante /Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

JARDIM, Antônio. *Música: vigência do pensar poético*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

KERÉNYI, Karl. *Hermes. Guide of souls*. Canada: Spring Publications, Inc., 2003.

LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Aprendendo a pensar*. Vol. II. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MATURANA R., Humberto. *Cognição, ciência e via cotidiana*. Trad. Cristina Magro. E Victor Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

NASCIMENTO, Sônia de Almeida do. *Música: a dinamogênese do poético*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Letras da UFRJ, 2009. (xerox).

NOTAS

¹ Este é texto de apresentação da tese de Doutorado submetida ao programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, no dia 17/09/2009, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Doutor em Ciência da Literatura (Poética).

Orientador: Prof. Doutor Antonio Jardim.

² "Do v.gr. *tithémi* 'colocar, assentar, marcar', esp. referido em música e dança à parte em que o pé batia no chão e marcava o compasso" (HOUAISS).

³ "Elevação do tom, do gr. *ársis, eós* 'ação de levantar, de elevar" (HOUAISS).